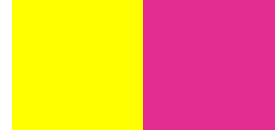




Capitalismo, anticapitalismo e ciências sociais engajadas em escala global: em torno da obra de Immanuel Wallerstein

Yann Moulier Boutang

Economista. Editor da Revista Multitudes.



Resumo

Para muitos de nós, Immanuel Wallerstein representou uma saída para as aporias do marxismo hegeliano, do materialismo dialético do marxismo soviético e, finalmente, do marxismo reconfigurado pelo estruturalismo foucaultiano ou bourdieusiano. Os conceitos-chave de Wallerstein sobre o capitalismo histórico e a economia-mundo constituem um todo que preexiste à formação do mais valor. A partir da mobilidade do trabalho e das formas de restrição jurídica da relação salarial, é possível propor uma formulação alternativa à dialética do senhor/escravo, uma outra história do desenvolvimento real do capitalismo e uma gênese bastante diferente das relações de classe, da consciência de classe e da identidade subjetiva dos antagonismos: por exemplo, relações de gênero e colonialidade do poder. Examinaremos alguns exemplos. Finalmente, refletiremos sobre as implicações dessa economia-mundo na articulação entre dominação e libertação. Com isso, reagimos ao privilégio indevido, em nossa visão, atribuído à dominação pensada como estrutura dominante em relação à libertação, que constitui o motor primário da mudança na e da história, se seguirmos Wallerstein.

Exposição

O capitalismo, antes de ser um modo de produção econômico que se possa estudar objetivamente, é uma relação de produção, diz Marx. Falar em relações de produção implica falar em classe, com ou sem plural, e falar em relações de classe ou classes implica falar em movimentos. Aprendi isso com Mario Tronti (que faleceu em 7 de agosto passado) ao traduzir sua grande obra (sua única grande obra, mas que foi suficiente) *Operários e Capital*¹. Pôr fim ao economicismo é a base sobre a qual devemos construir as superestruturas e, ainda pior, a consciência e a consciência da exploração e, finalmente, a possibilidade de revolução. Alguns fizeram isso vivendo a crise do stalinismo de dentro do “socialismo realmente existente” – da “revolução permanente” ao “maoísmo da Revolução Cultural”. Outros, como Immanuel Wallerstein, aprenderam isso com as lutas

¹ *Ouvriers et Capital*, Einaudi, 1970 pour l'édition originale; 197, Christian Bourgois, 2016 Réédition EntreMondes Genève

anticoloniais na periferia do sistema. Outros, finalmente, em uma revolta estudantil geral, do México a Paris, dos campi das universidades americanas ao Outono Quente em Turim. Essa rebelião anti-sistema foi tudo, menos um fogo de palha, abalando os papéis do homem branco, do pequeno líder sindical, do professor pedante, da história institucional em relação à história de baixo. E, finalmente, um pouco dos três caminhos de contestação anti-sistema e anticapitalista se misturaram, no meu caso, assim como no de muitos outros.

Parti das lutas dos imigrantes sem documentos (desde 1971, com as greves de fome dos mauricianos em Saint-Odile e a greve do Movimento dos Trabalhadores Árabes (MTA) lançada em 1973 contra o racismo em Marselha e em algumas fábricas). Fiz da imigração um fio condutor para caracterizar o capitalismo e sair do labirinto. Isso levou tempo: Partindo das migrações contemporâneas, tive que passar pela constituição do assalariamento, ou seja, os cercamentos, nada menos que isso, para finalmente chegar à escravidão moderna (da descoberta do Novo Mundo à abolição do apartheid na África do Sul).

É verdade que, além da inversão operaísta de Tronti e da insistência de Albert O. Hirschmann sobre a necessidade de prestar tanta atenção à “via de Saída” (fuga, defecção) quanto à “tomada de palavra” (via Voice) na análise dos movimentos sociais e do movimento em si, é à noção de economia-mundo e à de capitalismo histórico que devo mais. Não é por acaso, então, que Immanuel Wallerstein aceitou presidir minha banca de tese. E, se, graças a Dale Tomich, professor da SUNY Binghampton e grande especialista em escravidão no Caribe, consegui lecionar por três anos, convidado pelo Centro Fernand Braudel.

Retrospectivamente, percebo que o método de Immanuel Wallerstein (tudo é histórico, uma configuração singular sem cair no inefável ou no inenarrável) e, mais que tudo, o capitalismo, associado à precisão formidável de Fernand Braudel sobre a existência de um mercado monetário como pedra de toque para captarmos melhor a presença do

capitalismo, nos libertava das aporias do estruturalismo simplista dos antropólogos das “sociedades frias”. Wallerstein falava de sistemas e não de estruturas, de um conjunto de elementos nunca fixos, dinâmicos, cujas relações estavam em constante movimento, com combinações infinitas, mudanças e inflexões ou rupturas muito mais fundamentais do que “semelhanças” ou reiteraões. Na história, nunca nos banhamos duas vezes no mesmo rio. A análise sistêmica tem a tarefa de desvendar as diferenças, não as repetições, a topologia e não as projeções em um espaço de coordenadas. Como mostrado por Silvia Federici em particular (Claude Meillassoux já havia tentado fazer isso com a articulação dos modos de produção doméstico e capitalista e a consideração da renda), sem a exploração rentista das relações de gênero pelo capitalismo, o conceito de “reprodução da força de trabalho” é um saco de nós indissociáveis, tanto quanto a clássica “transformação de valores em preços”.

Outra ilustração da força da análise sistêmica no nível da economia-mundo (com todas as implicações em termos de “colonialidade do poder”, como sublinhado e teorizado por Walter Mignolo ou Aníbal Quijano): a Quinta ou imposto cobrado pelo Estado português e os direitos do Asiento sobre os navios negreiros representavam permanentemente entre um terço e 40% da receita fiscal total da monarquia lusitana. A periferia é central.

Outros exemplos de fatos que ocorrem no nível da economia-mundo, muitas vezes na periferia do sistema, nas margens do Império:

1. A destruição sistemática da indústria têxtil indiana para abrir espaço para Manchester no início da Revolução Industrial inglesa, que rebaixa completamente Bengala, que fornecia algodão, criando primeiro uma onda migratória que substitui a escravidão em processo de abolição (com os coolies) e que também provoca a introdução pelo colonizador inglês (para resolver seus problemas de déficit persistente com a China devido à importação de porcelana e chá) do cultivo de papoula para produzir ópio. Este último fornecia aos mercadores ingleses ouro (pois o comércio ilegal era regulado em ouro), ouro que depois servia para pagar as importações de bens chineses. Curiosamente, as análises marxistas chinesas que estudaram as duas guerras do ópio limitam-se a

destacar a perversidade do capitalismo inglês e ocidental que deseja subjugar o povo chinês. Gandhi, o idealista perfeito, estava certo ao iniciar sua vida política com a recusa de comprar roupas inglesas para denunciar a destruição da indústria têxtil indiana.

2. Da mesma forma, o botânico Robert Fortune (1812-1880), entre 1845 e 1856, espiona os segredos de fabricação dos chás verdes e pretos e simplesmente rouba 20.000 plantas de chá dos Montes Wuyi, em Fujian, e das Montanhas Amarelas (Huang Shan), em Anhui, para implantá-las no Uttar Pradesh, com a ajuda de trabalhadores chineses que conseguiu embarcar com ele, inventando o “chá inglês cultivado no Império da Rainha Vitória”. Isso ameaçava uma das mais estáveis fontes de exportação do Império do Meio até então. Fortune será, então, um especialista nesta biopirataria em benefício do continente europeu.

3. Poderíamos também falar do roubo de plantas de seringueira na Amazônia e sua transplantação na Indochina nos anos 1920, o que arruinará essa nascente indústria de pneumáticos no Brasil (notadamente a ilha que Ford havia comprado).

Para falar como Blaise Pascal nos sistemas históricos da economia-mundo, são inumeráveis os narizes de Cleópatra muito longos que tiveram impactos massivos. Não se pode, com desprezo, rejeitar mentalidades, preconceitos aristocráticos, valores religiosos, a força dos laços fracos.

Menos notado, a análise sistêmica não pode permanecer na superfície do quadro e das “belas formas” ou estruturas. Em tradução: hoje como nunca, não podemos negligenciar as externalidades positivas e negativas no trabalho de construção de uma nova matriz de insumo-produto de Leontieff das trocas globais da economia-mundo com o ambiente terrestre. A questão da renda rapidamente parasitou os belos esquemas de valor-trabalho de Ricardo. A questão da renda ecológica do atual sistema extrativista obscurece seriamente as categorias do trabalho dito produtivo.

Para permanecer na China, o enigma da não transformação do dinheiro em capital (sendo que o primeiro estava presente até mesmo na forma de dinheiro fiduciário desde os Song

e, com mais força, sob os Ming e Qing) e, portanto, que o aborto de relações plenamente capitalistas coloca, como demonstrado no livro de F. Gipouloux, o problema do papel da ideologia da burocracia estatal (alimentada pelo concurso dos mandarins que durou 600 anos (605-1905), que considera os mercadores e todos os que contribuem para a manipulação do dinheiro oriundo das trocas como desestabilizadores e diminuindo a importância e o papel dos camponeses); mas também destaca a extensão das obrigações sociais filantrópicas dos ricos, que pesam fortemente no excedente monetário.

Os sistemas são complexos, sujeitos a dinâmicas de evolução e involução. O preconceito tautológico de que os dominantes sempre dominam e continuarão dominando, que a dominação é uma estrutura permanente, vai ao encontro das previsões de B. Malinovsky (1942) de que a aculturação terminará em assimilação. Muito mais interessante e realista, a hipótese do “transculturalismo” apresentada na Conferência de dezembro de 1942, em Havana, por Fernando Ortiz, ligada ao interacionismo, prevê que o dominado pode tornar-se dominante, assim como a cultura dos gregos derrotados conquistou os romanos, então dominantes.

Nada fez mais mal à produção de uma imagem fiel do capitalismo como uma realidade histórica conflitante, mas bem viva, do que o materialismo histórico e suas sequências de estruturas dialéticas, obedecendo ad nauseam aos seus três momentos de tese, antítese e síntese. O movimento revolucionário foi apanhado, apesar de todos os avisos dados pelo próprio Marx e suas próprias negativas, na armadilha hegeliana da *aufhebung*. A psicanálise e Kojève apontaram que a matriz da dialética do senhor e do escravo ou servo, ou trabalhador, assim como o parricídio de Parmênides, resultava na preservação da mesma estrutura de dominação. O trabalhador, o servo ou o escravo se opõem ao senhor, contestam-no violentamente, querem matá-lo, mas, ao quererem se assemelhar a ele, conseguem apenas substituí-lo (conhecemos a famosa piada: o capitalismo é a exploração do homem pelo homem, e o socialismo é o contrário!).

Nas três versões sucessivas da economia-mundo e, portanto, dos três sistemas-mundo do capitalismo histórico, as coisas não acontecem como nas estruturas de matriz hegeliana.

Kojève dizia: o escravo deseja o desejo do Senhor. Os ensinamentos que podemos tirar dos exemplos do capitalismo histórico são que a proposição: o escravo deseja o desejo do senhor não corresponde à realidade. É o senhor que gostaria que o escravo desejasse como ele, desejasse seu desejo. De fato, o escravo não deseja (secretamente ou sem saber, explicariam os psicanalistas) o desejo do senhor. Ele não diz sim. Ele faz não. Ele não protesta (em voz) rebelando-se no segundo momento da oposição. Ele foge, escapa como o escravo quilombola. Ele não quer desejar como o senhor, pois pressente que isso seria prender-se em correntes para sempre. A dominação é uma dura realidade, um acidente (captura, subjugação), mas o desejo de libertar-se está no fundamento da liberdade.

Essa prevalência do desejo de libertação sobre a tomada de consciência da dominação ou da exploração (temática clássica da conscientização prévia e apanágio do Movimento Operário) se encontra nas relações de gênero, de “raça” (discriminação étnica) e nas relações coloniais. Existe uma recusa em entrar numa relação “dialética” de compromisso, de negociações. *Vogliamo tutto* (queremos tudo) diz Nani Balestrini, que descreveu em seu romance epônimo os movimentos de greve do outono quente italiano.

Obviamente, o que complica tudo, ou melhor, complexifica tudo, é que, na escala sistêmica, histórica e global da duração, é nos momentos de transformação sistêmica que essa voz de deserção (Exit) entra em máxima ressonância, especialmente por causa de sua dimensão massiva, enquanto a revolta organizada em tomada de palavra em momentos insurrecionais vai aliar uma radicalidade extrema da palavra com uma negociação perfeitamente reformista.

Isso nos leva a uma última observação: Immanuel Wallerstein, ao buscar algo diferente da totalidade estruturada (com dominância ou relações dominantes) em favor de um sistema-mundo cuja estrutura é imediatamente recusada ou contestada sem que

possamos saber para onde vai (pois isso permitiria contra-atacá-la), não faz do constatar da dominação ou do subjugamento a *última ratio* (no sentido de um ajuste de contas) do processo histórico. Ele não busca explicar ou expor as articulações ou figuras estritas da dominação com o objetivo de denunciá-la. Ele dá prioridade aos novos atalhos da libertação, traduzindo-os em uma fuga cada vez mais intensa e poderosa.

Nesse sentido, há um certo desinteresse, para não dizer um desinteresse certo, pelas questões ideológicas do objetivo, dos fins conscientemente declarados pelos agentes.

Como Bernstein disse (e esta será minha última provocação): "o objetivo não é nada, o movimento é tudo." Ou, sobre o movimento da economia-mundo de Braudel-Wallerstein parafraseando Bertolt Brecht em Galileu Galilei: "E ainda assim ela gira!"